

OBAMA
O que o presidente dos
EUA vem fazer no Brasil

EXCLUSIVO
"Assange virou o que ele odeia",
diz o ex-número 2 do WikiLeaks

SEGUNDO TEMPO
As lições de Ronaldo para
quem quer mudar de carreira



O primeiro galã negro

O que o sucesso do ator Lázaro Ramos no papel de um playboy rico e sedutor revela sobre a ascensão dos negros no Brasil

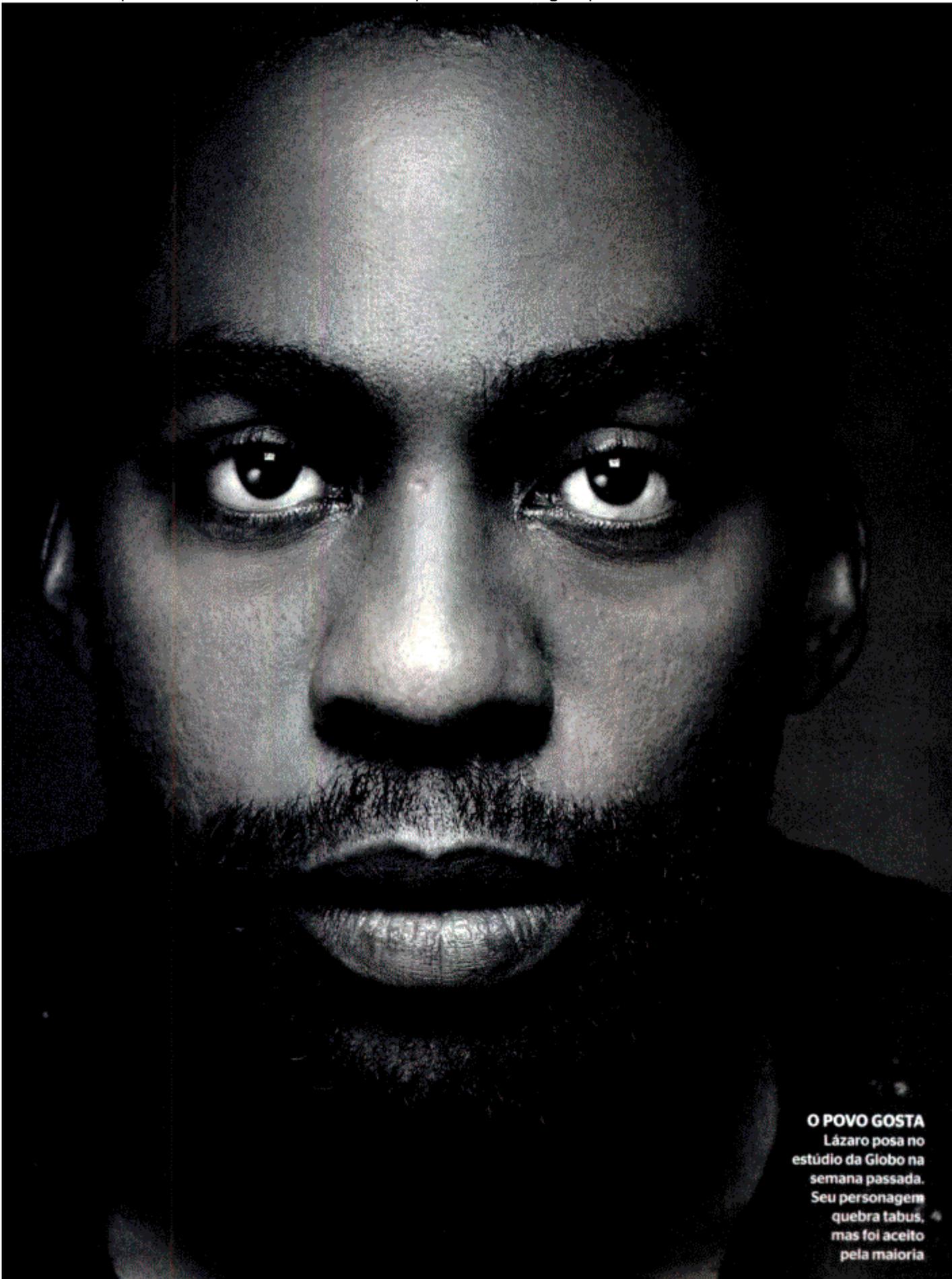
ISSN 24455496
000000
US\$ 6,00
EDITORA GLOBO
21 FEVEREIRO 2011 | Nº 666 | R\$ 8,90

O SUCESSO DO GALÃ NEGRO

O que o papel de **Lázaro Ramos** como um playboy rico e sedutor revela sobre as mudanças sociais que estão ocorrendo no Brasil

Martha Mendonça, Bruno Segadilha (texto) e André Arruda (foto)

Lázaro Ramos está resfriado. No gelado estúdio E da Central Globo de Produção, em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, o ator enfrenta a tosse e a coriza para gravar duas cenas do personagem André Gurgel, de *Insensato coração*. Na novela das 21 horas da TV Globo, o ator encarna um designer famoso, rico e colecionador de mulheres. De jeans, camisa social azul-clara e paletó cinza, Lázaro é o retrato da elegância. Um belo relógio arremata o figurino. Lázaro passa manteiga de cacau nos lábios para evitar o ressecamento. Ensaia rapidamente, depois cobre o rosto com as mãos por alguns segundos e se concentra, antes de fazer as cenas de uma só vez, sem errar. Ele contracena com beldades como Camila Pitanga e Deborah Secco. Abastado, culto e sedutor – assim como arrogante e perverso –, o personagem André Gurgel representa uma enorme novidade. ►



O POVO GOSTA
Lázaro posa no
estúdio da Globo na
semana passada.
Seu personagem
quebra tabus,
mas foi aceito
pela maioria

Ele é o primeiro galã negro em papel de protagonista nas telenovelas brasileiras. Com ele, Lázaro ocupa um espaço que já pertenceu a atores como Tarcísio Meira, Francisco Cuoco e, mais recentemente, José Mayer. Sua presença nesse posto simbólico, com a inevitável carga de polêmica que acarreta, reflete as mudanças profundas que estão em curso não apenas na televisão, mas no interior da sociedade brasileira. Os negros estão ocupando novos lugares.

Desde que a novela estreou, há um mês, o premiado ator baiano, de 32 anos, virou assunto nacional. Muitos gostaram de vê-lo interpretando um negro como nunca se havia visto na TV. Ao mesmo tempo, passaram a circular no Twitter comentários agressivos sobre o que é percebido por outros como sua inadequação para o papel. "Só na novela para o Lázaro Ramos ser galã", diz um deles. "Colocar Lázaro Ramos como garanhão da novela, isso que eu chamo de desespero", diz outro. Alguns comentários são abertamente racistas: "O Lázaro virou galã pegador pela política de cotas". Como a audiência de *Insensato coração* segue firme nas médias das últimas novelas do horário – em torno de 35 pontos no Ibope –, e a novela provoca 54% mais de visitas a seu site da internet do que suas duas antecessoras imediatas, esse tipo de rejeição parece ser localizado. Isso foi comprovado por uma pesquisa exclusiva da Retrato Consultoria & Marketing, realizada na semana passada entre 200 telespectadores de *Insensato coração* no Rio de Janeiro.

Lázaro é aprovado no papel de galã pela vasta maioria dos espectadores: 66,8% dizem que não se surpreenderam com a escolha do ator negro para o papel de André Gurgel (leia o quadro ao lado). "É interessante que, na divisão entre homens e mulheres, eles se dizem mais surpresos com um ator negro fazendo esse papel", afirma João Carlos Pires Ramos, coordena-

O galã negro foi aprovado

Como o público vê o personagem de Lázaro

Em sua opinião o ator Lázaro Ramos tem o tipo físico certo para fazer o papel do designer rico e sedutor, o André, de *Insensato coração*?



O(a) sr.(a) se surpreendeu ao ver um ator negro no papel de um galã irresistível?



Pesquisa realizada nos dias 14 e 15 de fevereiro de 2011 pela Retrato Consultoria e Marketing, exclusivo para EPOCA. A população pesquisada foi de 200 pessoas entre homens e mulheres, com idade de 18 anos ou mais, de todas as faixas de renda, residentes na cidade do Rio de Janeiro, telespectadores da novela *Insensato coração*, exibida pela Rede Globo, no horário das 21 horas.

nador de projetos da Retrato. "A aprovação feminina é mais forte, o que é importante na formação de um galã." É verdade que a consulta teve um alcance limitado. Foi feita apenas no Rio, com uma amostragem relativamente pequena de espectadores, e não reflete necessariamente a opinião do brasileiro sobre o assunto. Também é verdade que a desaprovação média ao personagem, em torno de 30%, não é irrelevante. A vasta

maioria aprova, mas alguns parecem incomodados com o que veem na TV. É evidente, porém, que o resultado comprova o sucesso do novo galã negro.

O que isso significa? No contexto do Brasil de 2011, o personagem interpretado por Lázaro pode ser ainda mais importante do que parece – e, de alguma forma, antecipatório. Encontrar um negro empresário ou executivo de sucesso ainda é difícil. Eles são poucos, sobretudo quando se tem em vista que 51% dos 200 milhões de brasileiros se identificam como negros ou pardos no Censo. Mas essa é a fotografia do topo da pirâmide. Quando se olha para a base, em busca de sinais de mudança, percebe-se um forte movimento de ascensão econômica e social dos negros. "O personagem do Lázaro Ramos é um teste interessante para o momento em que o Brasil vive", diz Monica Grin, professora de história contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora do livro *Raça: um debate público no Brasil*.

Nos últimos 15 anos, com a estabilidade econômica, o aumento do emprego e o acesso à educação, diminuiu a desigualdade social no Brasil. A classe média se tornou mais negra, seu poder de consumo se multiplicou e criaram-se oportunidades concretas de ascensão em massa. De acordo com dados do IBGE, em 2009, entre os negros, 28% cursavam o ensino superior. Dez anos antes, eram 7,5%. Entre os pardos, em 1999 eram 8%. Em 2009, 31%. Segundo uma pesquisa do economista Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, a taxa de crescimento de renda dos negros entre 1998 e 2008 foi o triplo da registrada entre brancos no mesmo período, em um cálculo feito com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Atualmente, mais da metade dos negros brasileiros (53,5%) pertence à classe média (tem renda ►

|| A presença negra na TV brasileira

A trajetória de aceitação de atores negros pelo público

A cabanado Pai Tomás 1969

A escalção de Sérgio Cardoso para viver Pai Tomás em detrimento de atores negros gerou protestos



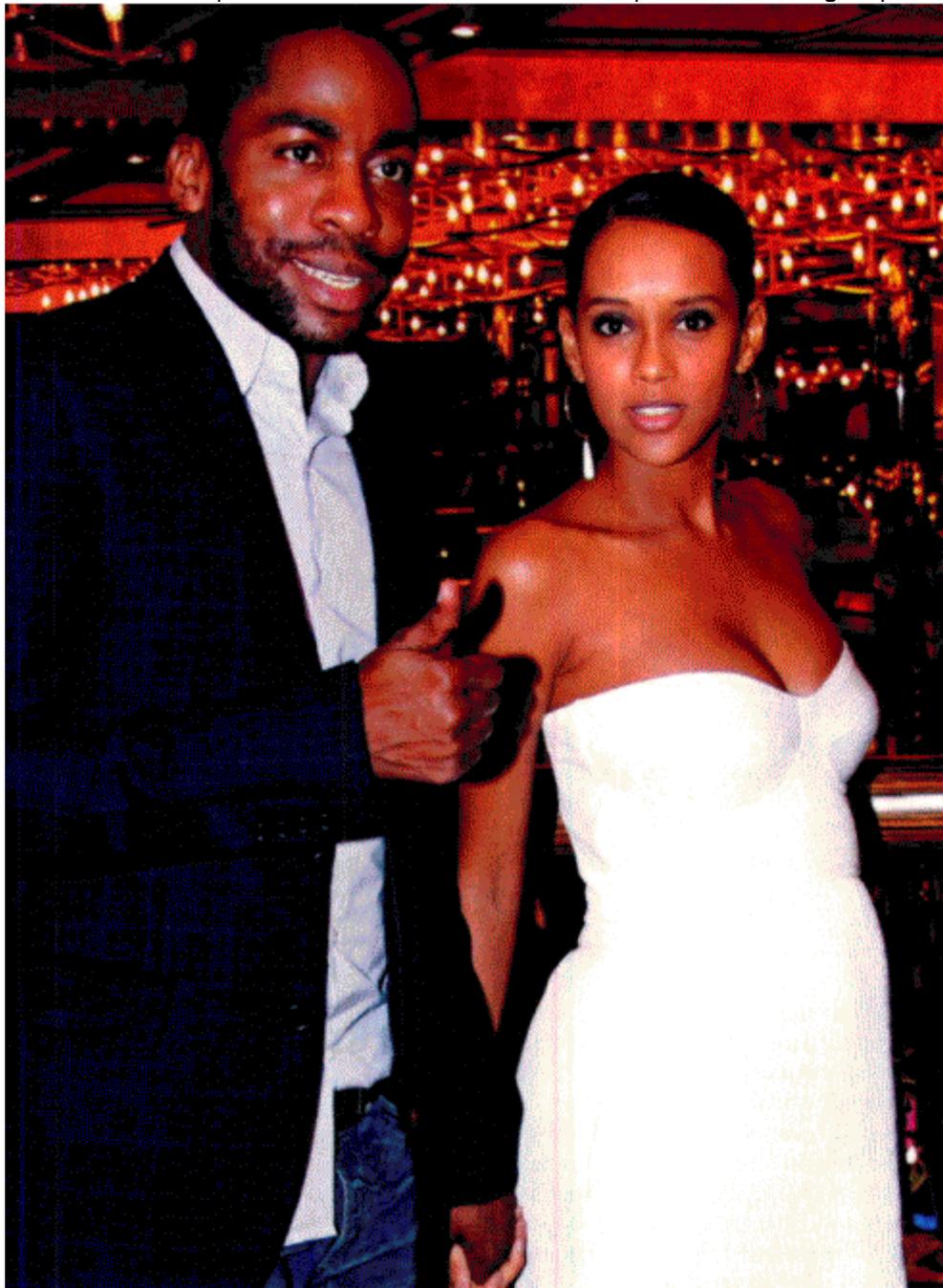
Pecado capital 1975

O psiquiatra Percival era uma tentativa de Janete Clair de chamar atenção para o racismo. Mas o romance entre os personagens de Milton Gonçalves e Theresa Amayo foi abortado, por desaprovação do público



Corpo a corpo 1984

Os beijos do casal vivido por Zezé Motta e Marcos Paulo causaram comoção nacional. "Ficamos chocados com a reação negativa do povo", diz Zezé



SUCESSO EM DUPLA
Lázaro Ramos e Tais Araújo em foto do início do mês, com ela grávida de cinco meses. O casal tem rompido tabus na televisão

ENTREVISTA Lázaro Ramos

“Cada negro é um negro”

O ator diz que seu personagem não representa um grupo - e nem precisa

ÉPOCA - Como surgiu o convite para viver André Gurgel?

Lázaro Ramos - Foi há um ano. Eu ia fazer teatro, mas o Gilberto (*Braga*) disse que escreveu o personagem pensando em mim. Gostei pela diversidade que o papel representa em minha carreira. Quando recebo convites para papéis que já vivi, costumo recusar. Ter novas experiências é o que me dá prazer.

ÉPOCA - Ver um ator negro na pele de um homem bem-sucedido, rico e sedutor causou estranhamento a algumas pessoas. O que você acha disso?

Lázaro - As pessoas têm direito a suas opiniões. Esse sentimento passa muito por essa questão dos rótulos, e não só pela questão da cor. Sou muito identificado com a comédia. Mas André, em minha visão, é um personagem singular. Ele não precisa representar um grupo. Nós, negros, temos questões em comum, que nos aproximam. Mas não se pode pegar todos nós e colocar numa caixa. Cada negro é um negro, cada história é uma história.

ÉPOCA - Os personagens negros mais importantes da TV têm uma ligação com questões raciais. André, não. Isso importa para você?

Lázaro - A questão do negro é importante para mim. No programa *Espelhos*, que faço há seis anos no Canal Brasil, trato disso por pelo menos metade do tempo. É ali, com espaço real para falar disso, que gosto de me manifestar, para que o que digo tenha começo, meio e fim. Não acho que todo personagem negro precise ter uma questão racial. Seria extremamente limitador, não? André Gurgel tem suas tramas próprias, um trauma familiar que o faz rejeitar relacionamentos. Ele é arrogante, marrento, mas extremamente honesto. Para mim, é um arquétipo novo nas novelas e também é um personagem rico, com dramas e transformações. ◆

o da televisão



A próxima vítima 1995

A primeira família de classe média negra em novelas morava no bairro da Aclimação e tinha empregada branca. **Antônio Pitanga** chefiava o núcleo e guardava o segredo central do suspense de Silvio de Abreu



Da cor do pecado 2004

Tais Araújo vivia a primeira protagonista negra. Até hoje, a novela é considerada um dos maiores sucessos do horário das 7 e consolidou a atriz como estrela do primeiro time

superior a R\$ 1.500). "A universalização da educação, desde 1998, criou uma geração mais instruída, portanto com melhor remuneração", diz Néri. Nesse ritmo, afirma ele, brancos e negros eliminarão as diferenças sociais em 20 anos: "Claro, essa é uma previsão otimista".

É provável que o caminho que leva à redução da desigualdade seja mais longo. Sobretudo porque a mudança a fazer é enorme. Quando se olha para a fração dos brasileiros mais privilegiados – o 1% mais rico da população –, 1,8% se dizem negros e 14,2% pardos. Esses percentuais dobraram nos últimos dez anos, mas ainda são baixos. "Vivo me perguntando se o negro está realmente ascendendo", diz Emanuel Araújo, de 70 anos, curador do Museu Afro-Brasil, de São Paulo. Ele foi responsável pela reestruturação que transformou a Pinacoteca da cidade em um dos pontos turísticos mais importantes do país. "Gente como eu, Pelé e Lázaro Ramos, infelizmente, são casos únicos." Talvez seja mais apropriado tratá-los como exceções. No livro *Racismo à brasileira*, o antropólogo americano Edward Telles afirma que, nos lugares mais ricos de São Paulo, a população negra não chega a 16%. Na Zona Sul do Rio, não mais que 15%. Mas, embora ainda causem algum estranhamento, essas exceções estão se tornando aos poucos mais comuns, mais visíveis – e deixando de ser apenas exceções para representar aos poucos uma tendência social.

Tome o caso da família Pastana. Moradores de Alphaville, condomínio nobre de São Paulo, eles sempre precisaram explicar que sua fonte de renda não vem do esporte ou da música. "Meu pai nunca foi atleta, mas sempre acham que negro bem-sucedido é jogador", diz a publicitária Poliana Pastana, de 24 anos, filha do publicitário Vinícius Pastana, de 50. Na escola, ela diz que sempre conviveu com olhares estranhos.

"Nunca me trataram mal, mas eu sentia algo diferente, era uma das únicas negras na classe", diz. "Ainda somos poucos." Um negro bem-sucedido, quando olha para o lado, dificilmente vê outros na mesma condição. Mas eles existem.

O paulistano José Marcos Oliveira, de 47 anos, foi escolhido há um ano para comandar as operações da Blue Coat Systems no Brasil. Com escritórios em 36 países, a empresa americana atua na área de tecnologia, criando formas seguras e rápidas de transmitir dados em rede. Filho de feirantes, com quatro irmãos, Oliveira estudou em escola pública e passou em duas faculdades: engenharia química na Oswaldo Cruz e filosofia na Universidade de São Paulo. Aos 19 anos, pouco depois de começar os dois cursos, Oliveira decidiu partir para o Canadá. Sem saber falar inglês e na companhia de um amigo, passou por apuros, mas conseguiu entrar no curso de ciência da computação e comunicação de dados na Faculdade Usher, em Toronto. Isso definiu sua vida.

Ele voltou ao Brasil, retornou aos EUA para fazer pós-graduação na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e trabalhou por 14 anos numa multinacional canadense, a Nortel. Oliveira fala com cautela tanto de racismo quanto de ascensão. "Quando você começa a ganhar promoções, algumas pessoas se perguntam: 'O que ele está fazendo aqui?'. Não sei o que as leva a pensar assim, talvez seja a sensação de que eu não pertencia àquele lugar", diz ele. O isolamento também é frequente. Em palestras profissionais, ele ergue a cabeça e constata que é quase sempre o único negro no recinto. Mas Oliveira acredita que os filhos, um rapaz de 25 anos e uma moça de 18, têm pela frente um cenário bem diferente do que ele teve. "A geração deles parece que simplesmente não se importa mais com preconceito", afirma. "Uma boa ideia tem



NO TOPO DA PIRÂMIDE
A família Pastana em frente a sua casa em Alphaville, em São Paulo. A exceção tornou-se mais frequente

Os exemplos que **inspiram**

Fora do esporte e das artes, os negros proeminentes ainda são



Pelé
70 anos
Edson Arantes do Nascimento é uma personalidade que vai além dos campos. Atleta, empreendedor e embaixador do Brasil pelo mundo



Joaquim Barbosa
56 anos
Primogênito de oito filhos de um pedreiro e uma dona de casa mineiros, formou-se em Direito, estudou na França e nos EUA. Em 2003, tornou-se o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF)



Odo Adão
75 anos
Cirurgião plástico de renome internacional, nasceu em uma comunidade rural de Minas. Começou aos 7 anos cortando cana e cuidando do gado. Em 2004, foi prefeito de Uberaba



gros como Will Smith e Morgan Freeman estão entre os mais populares e bem pagos de Hollywood – um caminho desbravado pelo comediante Bill Cosby. Nos anos 80, ele estreou na TV um programa sobre uma família negra que foi o de maior audiência da década.

No Brasil, a televisão está repetindo algo que tem feito seguidamente nos últimos anos: empurrar os limites do debate social, ao colocar em cena situações antes tratadas como tabu. Os relacionamentos interraciais causaram polêmica pela primeira vez em 1984, na novela *Corpo a corpo*. Marcos Paulo e Zezé Motta formaram um par romântico. Alguns capítulos depois que o romance dos dois decolou na novela, o ator começou a receber em sua secretária eletrônica insultos por beijar uma negra. “Na época, li gente dizendo que, se tivesse de beijar uma negra horrósa como eu, lavaria a boca com água sanitária todo dia”, diz Zezé. Ela foi parar no analista. “Quase pirei”, diz. Marcos Paulo também lembra esse momento ruim: “A gente passou por uma barra pesada, mas foi bom, pois conseguimos romper uma barreira”.

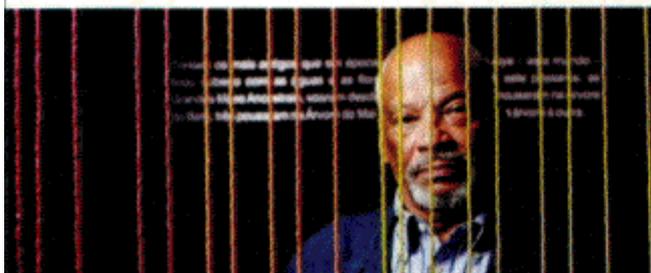
As coisas melhoraram imensamente desde então. A presença de Lázaro como galã do horário nobre, sem que o mundo venha abaixo, demonstra isso com toda a clareza. O historiador Joel Rufino, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diz que o André Gurgel de Lázaro quebra um tabu e mexe com o senso comum das pessoas, que não estão acostumadas a ver um negro agindo e falando como ele faz na novela. Seria um caso de estranhamento, mais que de racismo. Duplo estranhamento, na verdade. Primeiro, porque o lugar do personagem não é um “lugar de negro” na sociedade. Historicamente, os personagens negros nas novelas são pobres ou injustiçados. Segundo, porque ninguém o discrimina, não se fala de sua cor. Ele não precisa encarar as ▶

muito mais chances de ser aceita. Não importa se quem a teve foi um negro.”

A dificuldade de ascensão social dos negros brasileiros tem explicação na história. Desde a Colônia, eles formam a base da pirâmide social brasileira. As mudanças só começaram a ocorrer, muito lentamente, mais de 100 anos depois que a escravidão foi abolida. Mas o acanhamento da economia do país e seguidas décadas de inflação empobreceram as classes sociais mais baixas, onde a maioria dos negros sempre se inseriu. Nos Estados Unidos, por oposição, a classe média negra é antiga. Desde que a escravidão acabou, em 1860 – quase 30

anos antes do Brasil –, os homens livres se organizaram em pequenos comércios, ofereceram serviços como barbeiros ou sapateiros e, aos poucos, professores. Com anos depois, o movimento pelos direitos civis dos negros acabou com a segregação e lhes deu maior espaço na educação e na política. Hoje, a classe média negra é uma força socioeconômica e cultural poderosa. Em 2008, 20% dos negros americanos tinham diploma de curso superior (19% a mais do que em 2000.) O percentual de negros com casa própria e renda anual acima de US\$ 75 mil (R\$ 120 mil) cresceu, no mesmo período, de 13% para 18%. Atores ne-

raros no Brasil – mas eles existem



Emanuel Araújo

70 anos

Artista plástico e curador de arte, renovou a Pinacoteca de São Paulo e foi secretário municipal de Cultura. Crítico e polemista, é hoje diretor do Museu Afro-Brasil. “Infelizmente sou rara exceção”, diz



José Vicente

50 anos

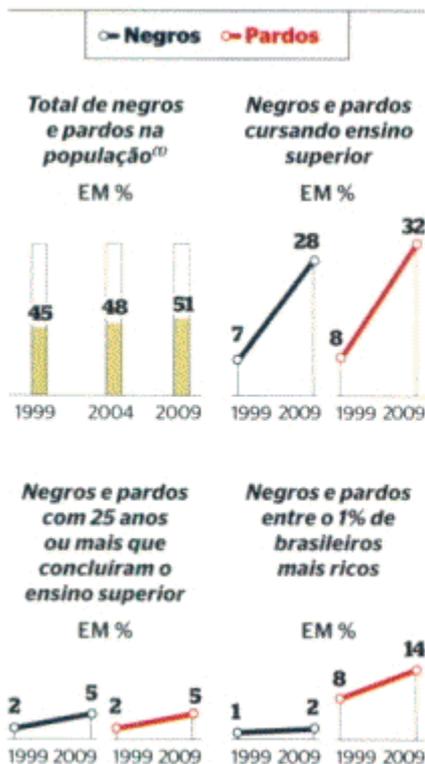
Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, foi membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República: “Ainda temos um longo caminho no processo de inserção social”, afirma



PIONEIRO
Oliveira, diretor executivo da Blue Coat, na sede da empresa, em São Paulo. Ele acha que seus filhos terão um ambiente mais fácil

A mudança começa na escola

As conquistas educacionais abrem portas para os negros



(1) Segundo o IBGE, o crescimento se deve à "recuperação da identidade racial". Fonte: Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE)

questões raciais. O autor de *Insensato coração*, Gilberto Braga, diz que fez isso de propósito. "André Gurgel é um pegador metido. Não é necessário que o público simpatize com ele", afirma Braga.

No Brasil, onde o número de atores negros é pequeno, poucos poderiam abraçar um personagem difícil como André Gurgel. Não foi por acaso que Lázaro foi escolhido. Cada degrau da escalada profissional de Lázaro, como é chamado pelos amigos, foi amparado por trabalhos únicos. Tornou-se conhecido em 2002, pelos prêmios recebidos pelo filme *Madame Satã*, em que vivia o papel-título: o lendário transformista, malandro e capoeirista que fez história no Rio na década de 30. Nos anos seguintes, brilhou novamente no cinema, em filmes como *Carandiru*, *Meu tio matou um cara* e *O homem que copiava*. Na televisão, era um dos atores da série cômica *Sexo frágil*,

em que atores homens interpretavam personagens masculinos e femininos. Em seu primeiro trabalho importante em novelas, concorreu ao prêmio Emmy, o Oscar da televisão americana, com o anti-herói Foguinho, de *Cobras e lagartos* (2006). Em *Duas caras*, foi herói da favela e fez par romântico com a rica e branca Debora Falabella – um amor inter-racial que o público aprovou. A credibilidade de Lázaro para encarar papéis polêmicos era clara.

Luiz Lázaro Sacramento Ramos nasceu em Salvador, na Bahia, filho de mãe empregada doméstica e pai operário. Aos 15 anos, levado por colegas de escola, assistiu a uma peça do grupo Bando de Teatro Olodum, formado apenas por negros. Apaixonou-se pela ideia de ser ator. No dia seguinte, fez um teste e foi aprovado, apesar de, até aquele momento, só aceitarem maiores de idade. Ao mesmo tempo que fazia um curso profissionalizante de patologia, ampliava sua experiência teatral. Trabalhava num hospital para ajudar a mãe, que sofria de uma doença degenerativa que lhe tirou os movimentos até sua morte, há dez anos – pouco antes que o filho se tornasse famoso em território nacional. Uma rotina dura, superada pela disciplina, uma das maiores qualidades de Lázaro, segundo quem já trabalhou com ele. Instintivo e empenhado, não demorou a ganhar destaque. Em 2000, o diretor João Falcão escalou quatro atores baianos para sua peça *A máquina*. Lázaro era um deles. Os outros três eram Wagner Moura (até hoje seu melhor amigo), Vladimir Britcha e Gustavo Falcão. O sucesso abriu portas para todos.

André Gurgel é um novo desafio para Lázaro. Para interpretá-lo, teve aulas de design, assunto pelo qual se encantou. Quando consegue, faz aulas de boxe numa academia no Morro do Cantagalo, no Rio de Janeiro. Ganha boa forma e agilidade. O personagem aparece num momento especial. Sua mulher, Taís, está no quinto mês de gravidez. O bebê, ainda sem nome, será um menino. No fim do ano passado, lançou seu primeiro romance, o livro infantil *A velha sentada*, que fala sobre crianças que ficam o tempo todo em frente ao computador. Lázaro fala pausadamente. O sotaque baiano é marcante – ao contrário de quando ele está em cena. Lázaro diz que nunca percebeu essa mudança de linguagem. Agora, quer cuidar de seu personagem com todo o cuidado – do mesmo jeito, ele afirma, que faz com tudo em que se envolve. O resultado já é um sucesso. ◆